

ÁREA TEMÁTICA            7            GPSS            Gestão de Pessoas

TÍTULO DO TRABALHO:

A MULHER CHEFE DE FAMÍLIA NO MERCADO DE TRABALHO

## Resumo

O artigo resgata a história da mulher e sua inserção no mercado de trabalho e apresenta o seu papel como chefe de família. O objetivo geral do estudo foi identificar os principais desafios enfrentados pelas mulheres chefes de família no mercado de trabalho. O estudo teve uma abordagem qualitativa e utilizou-se da entrevista estruturada para a coleta dos dados. A interpretação dos dados foi realizada através da análise textual discursiva. Os resultados permitiram compreender que, dentre os principais desafios das entrevistadas, está a sobrecarga de atividades e responsabilidades cotidianas, seja na família ou no trabalho, por serem chefes de família. Ainda, outro desafio, está no enfrentamento das discriminações de gênero. As trajetórias profissionais são diversificadas, mas têm em comum a busca do crescimento e a qualificação. As entrevistadas conciliam diversos papéis: mulher, esposa, mãe, profissional, estudante, entre outros.

Palavras-chave: Mulher, Chefe de Família, Mercado de Trabalho, Desafios

## Abstract

This paper retraces the history of woman and her insertion in marketplace, and it presents her roll as the head of the family. The main objective of this study was to identify the major challenges faced by females head of the family in the marketplace. The study had a qualitative approach, and it was used a structured interview to data collect. This analysis was made through a discourse textual analysis. The results obtained allow for a better understanding that from the major challenges of the interviewees is the overcharge of daily activities and responsibilities, even in the family or in the work, because they are the heads of the family. Besides that, another challenge is to combat gender discrimination. Their professional trajectories are diversified; however, they share the desire of growing and qualification. The interviewees conciliate diverse rolls: woman, wife, mother, professional, student, among others.

Keywords: Woman, head of the family, marketplace, challenges.

## Introdução

O papel da mulher na sociedade traz grandes reflexões nos dias atuais, o comportamento das mulheres já não é o mesmo de épocas passadas, apesar de ainda sofrerem com muitos obstáculos e discriminações. Neste sentido, o tema abordado neste estudo refere-se à mulher chefe de família no mercado de trabalho e seus principais desafios cotidianos.

Cavenaghi e Alves (2018) alertam que, de modo geral, a expressão “mulheres chefes de família” é vista como um fenômeno positivo em termos do empoderamento feminino dentro da família. Entretanto, o termo pode retratar organizações familiares que podem não ser favoráveis à mulher, como aquelas em que ela mora sozinha ou responde sozinha pelos filhos.

As mulheres chefes de família podem ser encontradas em diferentes formas de organização familiar que, conforme Cavenaghi e Alves (2018) podem ser: mulheres chefes de família, como casal sem filhos, casal com filhos (mulher, cônjuge, filhos e outras pessoas), monoparental feminino (mulher sem cônjuge e com filhos e/ou outras pessoas), arranjo unipessoal (mulher morando sozinha) e outras famílias (como grupos aparentados sem núcleo reprodutor e pessoas sem laço de parentesco marido-esposa ou pais-filhos).

Medeiros e Osório (2001) analisam a composição dos arranjos domiciliares no Brasil no período entre 1977 e 1998 e identificam três principais tipos de arranjos domiciliares: 1) a família única com arranjo nuclear (presença de um casal), 2) famílias uninucleares em que o núcleo é formado por uma mulher (monoparental feminino) e 3) pessoas morando sozinhas.

Nos dias hoje, 2022, diversificados arranjos familiares tem se apresentado e em alguns deles, seja qual for a configuração, a mulher tem se apresentado como a chefe da família.

Neste trabalho, o entendimento que se tem a respeito de ‘mulher chefe de família’ tem relação com a compreensão apresentada pelo IBGE<sup>1</sup> (2002, p. 9), “pessoa responsável pela família”, sem adjetivações ou explicações, conceito utilizado nos censos até o ano de 2000. Já Verza; Sattler e Strey (2015, p.3) define mulher chefe de família como: “O papel da mulher chefe de família é posto à prova no âmbito público e privado, uma vez que ela precisa dar conta das responsabilidades que lhe são impostas e provar à sociedade (que nem sempre lhe favorece) que é capaz de arcar com tudo sozinha”.

Silveira e Silva (2013, p.126 e 127) definem chefe de família ou família monoparental como:

Nessas famílias monoparentais, o desempenho do papel de pai/mãe está centralizado em uma só pessoa, aumentando a sobrecarga no ato de educar, prover e socializar, bem como no exercício de autoridade, na imposição de limites aos filhos, ou seja, em toda forma de suprir necessidades afetivas, sociais e materiais da família.

É oportuno abordar o conceito de mulher chefe de família num contexto onde muitas mulheres são as provedoras da família, cuidando, sustentando e educando os próprios filhos sem a figura paterna presente. O aumento da presença feminina no mercado de trabalho retrata as transformações ao longo da história da mulher.

---

<sup>1</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Neste cenário, o objetivo geral do estudo foi identificar os principais desafios enfrentados pelas mulheres chefes de família no mercado de trabalho. Os objetivos específicos pretenderam: descrever as principais transformações no mercado de trabalho; retratar a trajetória da mulher no mercado de trabalho e relatar a atual situação da mulher no mercado de trabalho em questões tais como educação, diferenciação no salário e as discriminações que sofrem ao longo desta trajetória.

Segundo o IPEA, o percentual de mulheres chefes de família saltou de 25% em 1995 para 45% em 2018. Estes números vêm crescendo cada vez mais, isso porque a sociedade deixou de manter a composição tradicional da família e novos arranjos tem se configurado. O tema é de extrema importância e atual, pois retrata a situação vivenciada pela mulher na sociedade nos dias de hoje.

A seguir, será apresentado o referencial teórico que dá sustentação ao trabalho, a metodologia utilizada, assim como os resultados encontrados. As considerações finais são apresentadas na sequência, assim como as referências bibliográficas.

## 2. A HISTÓRIA DA MULHER NA SOCIEDADE E NO MERCADO DE TRABALHO

A história da mulher na sociedade é marcada por muitas lutas e conquistas. A mulher era vista como simplesmente uma dona de casa: limpava, fazia comida, cuidava dos filhos e do marido. Já o homem era visto como o chefe da família, e sua obrigação era trabalhar fora e trazer o sustento para a casa.

De acordo com Perrot (2007), as mulheres eram tratadas como invisíveis, pois não eram quase vistas no espaço público, as mulheres em silêncio faziam parte da ordem das coisas. O autor diz:

Para escrever a história são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. (Perrot, 2007, p. 21).

Apesar de as dificuldades para encontrar arquivos com relação à história da mulher, o pouco que existe prova que a mulher era invisível na sociedade e não era reconhecida como parte dela. A mulher desta época também não podia fazer registros em papéis sobre sua existência. Para Perrot (2007, p. 22):

Ocorre igualmente uma autodestruição da memória feminina. Convencidas de sua insignificância, estendendo à sua vida passada o sentimento de pudor que lhes havia sido inculcado, muitas mulheres, no ocaso de sua existência, destruíram - ou destroem - seus papéis pessoais. Queimar papéis, na intimidade do quarto, é um gesto clássico da mulher idosa.

Com a chegada da Revolução Industrial e do sistema capitalista, marcam-se fortemente os papéis do homem, de trabalhar fora de casa e trazer o sustento para a família, e da mulher, de ficar em casa, cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e do marido quando retornasse ao lar.

Com muita luta a mulher conseguiu ter o direito de estudar. No início do século XIX as professoras não eram bem aceitas pela sociedade, tiveram que fazer a diferença e mostrar que conseguiam contribuir com a sociedade para serem aceitas no final do século XIX. Através desta situação a imagem feminina começou a mudar, reconhecida como corajosa e engajada em questões sociais. (MANCINI, 2005).

Neste mesmo século XIX, começaram a surgir algumas oportunidades de trabalho para as mulheres que, na verdade, sempre trabalharam, mas não recebiam e não contavam como trabalho. Não passavam de ajudantes de seus maridos, foi a partir da industrialização que começaram as oportunidades para as mulheres. (PERROT, 2007; MANCINI, 2005).

A Primeira Guerra Mundial teve um impacto diferente na vida das mulheres e para sociedade de forma dramática. Isso aconteceu, pois a sociedade só via a mulher como dona de casa, mãe e esposa. Em função da guerra, a mulher teve que assumir o lugar do homem e até mesmo assumir os negócios da família, pois alguns não sobreviveram ou voltaram mutilados, o que os impedia de retornarem para suas rotinas normais.

Através deste acontecimento, as mulheres começaram gradualmente a se encaixar no mercado de trabalho, mesmo havendo muitas discriminações. A maioria das mulheres iniciava o trabalho como professora, com muitas dificuldades resistiram e deram o seu melhor para transmitir uma boa imagem para a sociedade. (MANCINI, 2005).

No ano de 1970 ocorrem movimentos sociais como o Feminismo, movimento de mulheres que defendem o direito de igualdade entre mulheres e homens e lutam contra a violência de gênero. Através desse movimento as mulheres começaram a conquistar o seu espaço no mercado de trabalho, podendo melhorar o seu nível de estudo e provocando transformações na sociedade. (PEREIRA, SANTOS e BORGES, 2005).

Conforme Ramos, Ulbanere e Jesus (2011, p. 05).

A ONU em 1975 oficializou o 08 de março como o dia internacional da Mulher, a fixação da data é o reconhecimento e o coroamento de um longo processo de lutas, organização e conscientização das mulheres. Ao longo dos anos muitas têm sido as vitórias das mulheres, conquistando seus direitos.

Essa data traz muitas reflexões para as mulheres que cada vez mais buscam ser reconhecidas, oportunidades melhores, resistem aos desafios cotidianos do ser mulher e lutam por equidade de gênero.

Na década de 80, começou a aumentar a participação feminina, mas foi a década de 90, que impulsionou ainda mais a possibilidade das mulheres trabalharem fora de casa, buscarem a sua própria renda.

A mulher inserida no mercado de trabalho gerou impacto nas relações sociais, provocou mudanças nos aspectos familiares e culturais, trazendo grandes conquistas como: direito ao voto, invenção da pílula anticoncepcional, aumento da escolaridade, divórcio, entre outros muitos direitos. As mulheres são sensíveis, persistentes, criativas, atuam em diversas profissões o que gerou duplas ou triplas jornadas de trabalho, considerando-se que a maioria também cuida dos afazeres domésticos. (PEREIRA, SANTOS e BORGES, 2005).

A mulher deixou de ser apenas a dona de casa, mãe e esposa, passou a ser também operária, enfermeira, professora e mais tarde arquiteta, juíza, motorista de ônibus, bancária entre outras das mais diversificadas profissões, ocupando o cenário que antes era masculino. (D'ALONSO, 2008)

A mulher hoje pode escolher a profissão que ela quer ser, a mulher trabalha na mesma função que o homem e cada vez mais busca estar inserida no mercado de trabalho. Para Baylão e Schettino (2012, p. 05):

Com a entrada do século XXI, as inovações tecnológicas, o capitalismo, e em si a globalização vemos a impulsão e especialização das mulheres para

o mercado de trabalho. Hoje podemos acompanhar cada dia mais nas lideranças de grandes empresas e em profissões técnicas mulheres ganhando espaços.

A partir do século XXI muitas conquistas foram se realizando para as mulheres, começaram a ter seus planos de carreira, sustentando a sua família sem depender de apoio masculino. As mulheres querem usufruir das melhores oportunidades no mercado de trabalho, não querem apenas chefiar a família e sim grandes organizações e ocupar espaços em cargos de liderança, apesar de ainda existir discriminações.

O crescimento da participação feminina no mercado de trabalho tem relação também com fatores econômicos e com o avanço na indústria, que transformou a estrutura produtiva e precisa cada vez mais de mão de obra. Já no fator cultural retrata as mudanças na sociedade onde a mulher não fica mais somente em casa, podendo sair para trabalhar. Isso pode ter relação com os movimentos políticos e sociais em que a mulher participou, a ao fato de terem menos filhos e estudarem mais para estarem inseridas no mercado de trabalho. (PEREIRA, SANTOS e BORGES, 2005; BAYLÃO e SCHETTINO, 2012).

De acordo com Pereira, Santos E Borges (2005, p.3):

Seja por motivos financeiros ou mudanças nos padrões culturais ou até por realização pessoal é fato que as mulheres têm entrado de forma consistente no mercado de trabalho. O que fica credenciado em estudo de vários autores é que o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho não correspondeu em uma diminuição da discriminação.

Com o aumento da mulher no mercado de trabalho, ela também vem evoluindo muito em relação ao estudo. De acordo com Cavenaghi e Alves (2018, p. 27) "Possibilitaram o avanço dos níveis educacionais para aos ambos os sexos, mas especialmente para o sexo feminino, que reverteu o hiato de gêneros em todos os níveis de escolaridade." Conforme as autoras mencionadas, foram dadas oportunidades para ambos os sexos, mas quem aproveitou mais foram as mulheres que vêm buscando cada vez mais evolução.

Com as taxas de fecundidade caindo, isso se dá um reflexo na vida das mulheres, um diferencial onde elas se dedicam menos aos afazeres domésticos, aos cuidados com os filhos e passam a investir nos seus cuidados pessoais, em cursos, faculdades, buscam cada vez mais conhecimento para estarem inseridas no mercado de trabalho. Isso reflete no grau de instrução em que a mulher vem se apresentando ao se dedicar aos estudos e cresce de maneira significativa pelos seus esforços no seu capital. (CAVENAGHI e ALVES, 2018).

Cada vez mais amplia o número de mulheres em cargos importantes nas organizações, mulheres de todas as faixas etárias estão aproveitando as oportunidades. (PROBST, 2005). Apesar de a mulher ter uma trajetória difícil para se inserir no mercado de trabalho, ela vem escrevendo a sua história e cada vez mais conquistas significativas, além de cumprir com os afazeres do seu dia-a-dia, inclusive conciliar em ser mãe e trabalhadora. (BAYLÃO e SCHETTINO, 2012).

De acordo com Probst (2005, p. 7).

Trabalhar fora de casa é uma conquista relativamente recente das mulheres. Ganhar seu próprio dinheiro, ser independente e ainda ter sua competência, reconhecida é motivo de orgulho para todas. [...] Elas já provaram que além de ótimas cozinheiras, podem também ser boas motoristas, mecânicas, engenheiras, advogadas e sem ficar atrás de nenhum homem. Já está mais do que provado que as mulheres são

perfeitamente capazes de cuidar de si, de conquistar aquilo que desejam e de provocar mudanças profundas no curso da história.

O perfil dessas mulheres foi sendo construído através de suas histórias, das suas batalhas e das conquistas ao longo das suas trajetórias. Atualmente, estar inserida no mercado de trabalho não quer dizer que não irá sofrer desigualdade ou até mesmo discriminação, mas sim como Probst (2005, p. 7) diz: “[...] provocar mudanças profundas no curso da história.”

A partir desses cenários que as mulheres vêm enfrentando, buscam estudar e terem planos de carreiras no intuito de serem valorizadas socialmente, como as profissões medicina, área de ciência e da alta gestão. A mulher deveria buscar a expansão de carreiras onde há menor número de mulheres presente em determinados segmentos como: ciência, tecnologia, engenharia, matemática e as ciências da saúde mais especializadas. Assim, buscando a diversificação na sua formação profissional, melhora um pouco esta situação o qual a mulher vive e traz grandes benefícios. (SOUSA, 2021).

### 3. A MULHER NOS TEMPOS ATUAIS: MÃE, DONA DE CASA, ESTUDANTE E TRABALHADORA

A mulher sempre buscou os seus direitos, entretanto, por mais moderna que seja a sociedade ainda temos muitos tabus para serem quebrados como: ser mulher, ser mãe, trabalhar fora, trabalhar fora e ser mãe, ser mãe e estudar, como conciliar tudo no dia-a-dia.

A mulher é mencionada, muitas vezes, como o sexo frágil, mas tem demonstrado a sua independência, busca cada vez mais conquistar o seu espaço na sociedade, já não está mais se preocupando com o que vão falar e resiste aos desafios da luta para acabar com o preconceito de gênero. Beauvoir (1967), disse:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de femininos. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. (BEAUVOIR, 1967, p.9)

A mulher desenvolve-se para estar inserida na sociedade, formando seus conceitos e aprendendo cada vez mais. A mulher aprendeu com a sua trajetória a ser empoderada, acreditar mais nas suas batalhas e lutar com a arma poderosa do conhecimento. A mulher estuda, busca cada vez mais capacitação para alcançar oportunidades melhores no mercado de trabalho.

De acordo com Cavenaghi e Alves (2018, p. 78).

As mulheres tinham maiores taxas de analfabetismo e menores taxas de alfabetização ao longo da maior parte da história brasileira. Porém, houve uma reversão da desigualdade de gênero na educação na segunda metade do século XX e as mulheres ultrapassaram os homens em todos os níveis educacionais.

A mulher busca conquistar o seu espaço, ocupando cargos que eram predestinados para homens. A mulher assume múltiplos papéis: cuida dos filhos, é

chefe de família, realiza os afazeres domésticos, trabalha fora, estuda para se qualificar e muito mais.

Além de mulher é mãe, uma fase onde a vida muda, o corpo muda com a gestação, são nove meses onde a criança se desenvolve no corpo e as mudanças são novas descobertas, novos cuidados. O parto é uma experiência única para cada mulher, para algumas é rápido e dolorido, ou talvez nem haja dor, isso depende de mulher para mulher, para outras pode levar horas e ser uma experiência quase traumática, fazendo que aquela mulher não queira passar por isso novamente.

Conforme Techio (2014, p.16):

[...] a maternidade foi explicada pelas feministas a partir de três pontos distintos. Primeiro a maternidade se tornou o centro da desigualdade entre os sexos, e foi comparada a um defeito natural. Depois a maternidade foi compreendida como um poder insubstituível, e a mulher foi vista como fonte de vida e de poder. Já na terceira fase, as feministas se debruçam sobre o seu significado social, encontrado o real problema da maternidade nas construções sobre o papel materno.

As mulheres geralmente lidam bem com duplas ou até triplas jornadas, sabendo conciliar entre os cuidados com os filhos e os afazeres domésticos. Nesta linha de pensamento podemos citar também o trabalho fora do lar, os estudos, mostrando a capacidade de organização da mulher que consegue conciliar todas as atividades do dia-a-dia. Claro que nem sempre é fácil manter se calma e centrada nos afazeres da rotina, acaba se tornando exaustivo.

Muitas vezes essas mulheres não têm um companheiro que possa auxiliá-la nos afazeres, no cuidado com o filho, para que ela possa estudar ou até mesmo trabalhar fora. E isso faz com que muitas delas acabem desistindo da carreira ou até mesmo dos estudos, para poderem tomar conta dos filhos.

Segundo os dados do IBGE entre 2000 a 2010, o papel da mulher responsável pela família subiu de 22,2% para 37,7%, ao mesmo tempo, em que dados da pesquisa nacional na amostra de domicílios (PNAD) do IBGE apontam que as pessoas da família, responsáveis pelo cuidado da casa e afazeres domésticos eram 92,25% mulheres e 51,44% homens, em 2004; e 92,84% mulheres e 58,36% homens, em 2014, evidenciando a desigual divisão com relação aos espaços públicos e privados entre mulheres e homens, de modo que as tarefas referentes ao lar ainda permanecem significativamente a cargo das mulheres. (EMIDIO e CASTRO, 2021).

Para finalizar, mesmo com toda decorrência da história da mulher na sociedade, ela ainda tem que lutar por alguns direitos como, por exemplo, a equidade de gênero a fim de estabelecer a igualdade entre homens e mulheres.

A seguir serão apresentados os caminhos metodológicos percorridos para a realização deste estudo.

## 5. CAMINHOS METODOLÓGICOS

O estudo é de natureza qualitativa, tendo em vista o objetivo proposto de ouvir mulheres chefes de família a respeito dos desafios que enfrentam no mercado de trabalho. Para Malhotra (2011, p.122) a pesquisa qualitativa:

[...] proporciona melhor visão e compreensão do cenário do problema. Ela investiga o problema com algumas noções preconcebidas sobre o resultado dessa investigação. [...] A pesquisa qualitativa é baseada em amostras pequenas e não representativas, e os dados são analisados de uma maneira não estatística.



A pesquisa teve uma amostragem não probabilística ou intencional, pois foi realizada com pessoas do convívio de uma das pesquisadoras, intencionalmente convidadas, pois são mulheres chefes de família, público alvo do estudo. Este tipo “é uma forma de amostragem por conveniência em que os elementos populacionais são selecionados com base no julgamento do pesquisador”. (MALHOTRA, 2011, p.276).

Conforme referido anteriormente, o público alvo desta pesquisa são as mulheres chefes de família e inseridas no mercado de trabalho. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista estruturada, cujo roteiro contou com vinte e três perguntas que abordaram questões sobre vida pessoal e familiar, formação, inserção e permanência no mercado de trabalho, ser mulher, entre outras. Na elaboração das perguntas procurou-se investigar os desafios enfrentados por estas mulheres chefes de família no mercado de trabalho.

Lakatos e Marconi (2003, p. 197) definem a entrevista estruturada como “aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas são predeterminadas. [...] O motivo da padronização é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas”.

As entrevistas foram realizadas com seis mulheres chefes de família, sendo que quatro delas foram realizadas de forma presencial, gravadas e transcritas, as outras duas entrevistas foram realizadas através do envio do roteiro via e-mail para as participantes. As entrevistas foram concedidas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Cada participante da pesquisa foi identificada como “entrevistada 1”, “entrevistada 2”, “entrevista 3”, “entrevistada 4”, “entrevistada 5” e “entrevistada 6”.

A análise dos dados foi realizada através da Análise Textual Discursiva (ATD), que foi a metodologia mais favorável para o alcance dos objetivos do trabalho, considerando-se o processo interpretativo que os pesquisadores acabam desenvolvendo. Conforme Moraes e Galiazzi (2016), a ATD:

Corresponde a uma metodologia de análise de informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos. Insere-se entre os extremos da análise de conteúdo e a análise de discurso, representando diferentemente destas, um movimento interpretativo de caráter hermenêutico. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 13).

A ATD foi utilizada neste estudo intencionando a construção de novas compreensões e sentidos em torno das experiências das mulheres chefes de família no mercado de trabalho. A proposta de análise foi coerente com a proposta do trabalho, considerando-se a abordagem qualitativa do estudo que pretendeu compreender como estas mulheres vivem o ciclo de ser mãe, chefe de família, trabalhadora e estudante, entre outros papéis.

No próximo tópico serão apresentados os resultados do estudo.

## 6. OS RESULTADOS DO ESTUDO

Os resultados do estudo foram organizados em categorias, são elas: rotinas diárias, trajetórias profissionais, transformações do mercado de trabalho e ser mulher.

### 6.1 Rotinas diárias

A rotina das entrevistadas é intensa e de muitas atribuições, acordam cedo e dormem tarde, fazem muitas coisas no dia a dia, ocasionando muitas vezes a falta de tempo para lazer e esgotamentos diários. A Entrevistada 1 relata a sua rotina:

Acordamos às 6 horas da manhã, [...] ela vai para escola e eu vou trabalhar até 17:30, depois saio, pego ela na minha mãe. Chego em casa por volta de umas 18:30, daí organizo a roupa, a janta, o banho dela, faço as atividades escolares dela, os temas e aí depois que eu tento tira uma hora ou uma hora e dez aí para estudar para a faculdade, depois que organizo a casa. (Entrevistada 1).

Nestas rotinas, as mulheres organizam os filhos para ir à escola, organizam mochila, fazem tema de casa com os filhos, fazem a refeição, organizam a casa e cuidam dos bichos de estimação, entre outras tantas atribuições. Muitas vezes falta tempo para dar uma melhor atenção aos filhos e aos bichos de estimação.

As entrevistadas trabalham fora, fazem os afazeres domésticos, são mães e algumas estudam, entretanto, demonstram sinais evidentes de cansaço da rotina intensa. Algumas referem que tem momentos em que parece que faltam horas no dia em função das tantas coisas a fazer e tantas decisões a serem tomadas. Para a Entrevistada 2 é possível fazer muitas tarefas ao longo do dia:

Bom eu acordo 6:10 ou 6:20 da manhã, organizo as minhas coisas para ir para o trabalho, organizo meu filho de 2 anos para levar para escola e deixo ele na escola de educação infantil que é do lado da escola que trabalho. Depois as 7:30 eu inicio meu trabalho, como eu trabalho próximo de casa, durante o meu intervalo vou em casa faço alguma tarefa doméstica e depois retorno. Chego em casa 17:30, pego meu filho na casa da minha mãe. Geralmente a minha mãe ou uma das minhas irmãs é que pegam meu filho na escola, chego em casa, dou banho nas crianças, organizo a casa e faço as tarefas domésticas e aí geralmente agora lá pelas 11 horas da noite ou meia noite é o tempo que eu tenho de sobra e eu to utilizando para fazer meus trabalhos da faculdade [...]. (Entrevistada 2).

Em relação à rotina descrita pela Entrevistada 2, cabe ponderar que ela é casada com o pai de seus filhos, mas em nenhum momento faz menção da participação dele nas atividades do cotidiano, o que reforça a ideia de que o homem está “isento” destas responsabilidades. Precisamos fortemente debater estas questões para que, ainda que a passos lentos, mudemos este cenário.

Autores tais como Techio (2014), Emidio e Castro (2021), Pereira, Santos e Borges (2005), corroboram através de seus estudos, a questão da rotina intensa do dia a dia da mulher, pois são duplas ou triplas jornadas para atender a todas as demandas, normalmente sem a ajuda do companheiro.

## 6.2 Trajetórias profissionais

Com relação às trajetórias das entrevistadas, pode-se dizer de forma geral que começaram cedo a trabalhar, desempenharam diversas funções até a conquista das atuais ocupações profissionais. Percebe-se muitas lutas, aprimoramento do conhecimento e também a busca de meios diferentes para se inserir na área desejada de trabalho. Algumas das entrevistadas, mulheres chefes de família, responderam que não tiveram dificuldades para se inserir no mercado de trabalho. Por questões financeiras, outras tiveram que traçar caminhos diferentes para alcançarem a profissão atual trabalhando como faxineira, atendente de loja, caixa operadora, entre outras profissões.

Sobre a trajetória profissional, a Entrevistada 3 conta como fez para alcançar os seus objetivos:

[...] eu comecei limpando casa, fazendo faxina e terminei vendo uma amiga minha que trabalhava dentro da área da saúde. [...] então eu fiz o auxiliar de enfermagem. [...] fiz o técnico de enfermagem, [...] Trabalhei por 20 anos direto dentro da área, como técnico de enfermagem, e saí por cinco anos. [...] Comecei a fazer faculdade para ser enfermeira, que era uma das coisas que eu queria ter chegado que parei. Quando eu decidi ter filhos, eu parei com isso. Parei de estudar, parei com a minha vida para me dedicar à família e terminei voltando para a faculdade junto com a minha filha mais velha, [...] E fiquei por cinco anos estudando, trabalhando ao mesmo tempo, [...] cuidando da casa e consegui chegar lá e me formei. Hoje em dia trabalho a quase 11 meses como enfermeira. (Entrevistada 3).

Dentre os principais desafios enfrentados pelas mulheres em suas trajetórias profissionais temos o fato de não terem com quem deixar os filhos para irem trabalhar. Algumas contam com uma rede de apoio que incluem familiares, principalmente a mãe, madrinhas, a avó, normalmente outras mulheres.

Outro desafio identificado a partir do estudo refere-se à exigência em termos de formação. Para a mulher ocupar uma posição de chefia, por exemplo, será exigida dela a formação para tal, ou ela sofrerá alguma forma de discriminação de gênero, principalmente se outros integrantes da equipe, seus subordinados, tiverem uma formação superior.

A Entrevistada 5, que é protética, traz a sua experiência profissional e as dificuldades que enfrenta no mercado de trabalho:

No início, a dificuldade era pela minha profissão. Primeiro a minha profissão, hierarquicamente, é menor que o dentista. Então, é como se fosse um técnico de enfermagem, ter um hospital, por exemplo. Então eu tenho uma clínica odontológica onde os dentistas são meus subordinados. Tá, esse foi o primeiro preconceito. O segundo foi por ser mulher. Muitas pessoas chegavam querendo falar com o dono da clínica. [...] Não, não sou a doutora, eu sou a dona da clínica protética [...] Eu tinha que quebrar duas objeções, por não ser a dentista e por não ser homem, né? Então essa foi a maior dificuldade [...]. (Entrevistada 5).

A mulher muitas vezes tem que provar que é capaz de fazer muitas coisas como ser presidente, juíza, engenheira entre outras profissões, e sempre em busca de conhecimento para tentar quebrar esse tabu que enfrenta no seu dia a dia.

As mudanças de padrões de comportamentos da sociedade, entre elas, o uso do anticoncepcional, acrescentou muito para as mulheres poderem exercer cargos que eram somente exercidos por homens e também serem líderes nas organizações buscando a sua independência financeira, conforme alguns autores mencionados no texto como D'Alonso (2008), Baylão e Schettino (2014).

### 6.3 Transformações do mercado de trabalho

As principais transformações que as entrevistadas perceberam no mercado de trabalho têm relação com a maior inserção de mulheres em cargos elevados, e para tal a qualificação é de extrema importância e agrega muito no crescimento profissional.

A Entrevistada 6 retrata as principais transformações que ela percebeu: “Verificamos uma maior inserção da mulher em cargos mais elevados, embora ainda tenhamos conhecimento que muitas vezes o salário da mulher é inferior ao do homem ocupante do mesmo cargo.” (Entrevistada 6).

As entrevistadas dizem que a mulher se destaca por ser proativa e dedicada, além de buscar estudar para evoluir e agregar na empresa em que trabalha, conforme alguns autores mencionados como D'Alonso (2008) e Baylão e Schettino (2014), a mulher luta pela sua independência pelo direito de ter plano de carreira.

Outra transformação apontada pelas entrevistadas é que o mercado de trabalho tem se tornado competitivo, assim aumenta a concorrência para determinadas vagas de trabalho, assim aquelas mulheres que contam com algum tipo de indicação ou recomendação feita por outros profissionais, podem ter alguma preferência na contratação. Também destacam que as empresas que dão incentivos para os seus funcionários, tais como o auxílio-creche oferecido por alguns hospitais, descontos em escolas, entre outros, incentivam a mulher a estar inserida no mercado de trabalho.

As entrevistadas não poderiam deixar de citar as questões relacionadas à pandemia, e dizem que foram afetadas por conta dos filhos, por não terem onde deixá-los, como consequência, para algumas, veio a perda do emprego. Além do cuidado dos filhos, as mulheres tiveram que conciliar os afazeres domésticos, e para aquelas que permaneceram trabalhando em *home office*, tiveram que conciliar todos os demais afazeres. Mata et al (2021) reforça a realidade da mulher na pandemia.

Para algumas entrevistadas a pandemia não ocasionou grandes transformações, mas pode ter abreviado a manifestação de questões que já estavam a se acumular, tais como o cansaço emocional, o distanciamento dos familiares e pessoas das suas relações. Para outras entrevistadas, a pandemia ocasionou muitas dificuldades: as demissões, o medo da pandemia, a redução de salários, muitas perdas, tristezas, angústias, choque de emoções e o estresse de ficar em isolamento. Cada uma passou por algum tipo de dificuldade, e aprendeu a lidar com ela. A partir do relato da Entrevistada 2, que é professora e coordenadora pedagógica, foi possível perceber algumas destas dificuldades:

Foi uma coisa bem gritante, porque tu, eu não parava. Então eu sentia que eu estava trabalhando 24 horas. Eu me acordava trabalhando e às vezes eu não sabia se eu estava trabalhando profissionalmente ou se eu estava trabalhando em casa, porque às vezes eu estava fazendo as duas coisas ao mesmo tempo. [...] Eu me via estendendo roupa e atendendo um pai e atendendo uma colega de serviço, uma educadora, vendo uma reunião. Sei, eu fiquei várias vezes vendo reuniões e meu filho com cólica, entendeu? Então, foram várias coisas que eu passei que eu me senti num stress emocional de verdade. [...] senti que não conseguia desligar, [...] Isso me deu um choque de emoções e de estresse. (Entrevistada 2).

A pandemia fez com que as entrevistadas refletissem sobre o que é realmente importante e entendem que a casa é o conforto, aprenderam a valorizar o lar, as pessoas que estão no dia a dia, aprenderam a dar valor a coisas que para algumas estavam ficando esquecidas como, por exemplo, as coisas simples da vida.

#### 6.4 Ser mulher

As entrevistadas referem que ser mulher é ser guerreira, corajosa para superar os obstáculos, e fazer de tudo para equilibrar todos os papéis assumidos na sociedade. Também é orgulhar-se em ser mulher, mãe, trabalhadora e estudante, e mesmo cansada buscar forças para vencer os tabus e lidar com as desigualdades e os desafios cotidianos.

Destacamos os depoimentos das Entrevistadas 3 e 6, pois agregaram no estudo trazendo os pontos de vista referente a como a mulher se considera tendo

que desempenhar tantos papéis ao mesmo tempo: “Eu acho que é ter coragem, é ser corajosa. Enfrentar muitos medos, não ter medo para enfrentar as coisas. Acho que é uma das principais coisas a coragem.” (Entrevistada 3).

A Entrevistada 6 diz:

Considero-me realizada em ser mãe e ter a oportunidade de trabalhar e estudar, embora saiba que em alguns momentos é difícil conciliar tudo, vislumbro o quanto nos superamos enquanto mulheres e fazemos o possível e o impossível para dar conta de tudo e buscar um equilíbrio em todos os papéis que assumimos na sociedade. (Entrevistada 6).

A maioria das entrevistadas tem uma relação importante com mulheres tais como a mãe, a avó, irmãs, madrinhas e amigas, elas todas fazem parte da construção da personalidade de cada uma, de parte de quem são e onde buscam inspiração para as atitudes de ser forte, ter respeito e não se sentirem inferiores em nenhuma situação.

As Entrevistadas 2 e 6 trazem um pouco da história de quem elas buscam inspiração para serem quem são. A Entrevistada 2 diz:

Eu tenho uma referência, sim, a minha memória afetiva da minha avó [...], apesar de ser uma pessoa com pouca instrução é um pouco do que eu, do que eu faço hoje, ela é uma chefe de família que não teve tempo para ela mesma e ela teve que correr atrás para poder cuidar dos filhos dela, né? [...] Eu não posso parar de trabalhar porque eu tenho que cuidar e se eu parar de trabalhar, ela não se permitia em ficar doente. E até hoje ela cuida dos bisnetos e ela não se permite ficar doente. Então, isso eu trouxe muita responsabilidade da minha mãe. Eu trouxe um pouco assim da afetividade aquela coisa, assim vem o coração de mãe do cuidado da casa eu tento passar isso para meus filhos, de falar que eu te amo. São coisas que eu acho que cria o vínculo. (Entrevistada 2).

A Entrevistada 6 diz:

Minha mãe sempre me incentivou a estudar, a ter formação em curso superior, por muitas vezes nos contava das dificuldades que enfrentou ao se tornar mãe tão jovem, aos 17 anos, que não conseguiu estudar e teve que se tornar dona de casa, sempre nos desejando que buscássemos um futuro diferente, somos três irmãs, todas mulheres, eu sou advogada, a mais velha é nutricionista e a mais nova está se formando em arquitetura. [...] Me considero realizada em ser mãe e ter a oportunidade de trabalhar e estudar, embora saiba que em alguns momentos é difícil conciliar tudo, vislumbro o quanto nos superamos enquanto mulheres e fazemos o possível e o impossível para dar conta de tudo e buscar um equilíbrio em todos os papéis que assumimos na sociedade. (Entrevistada 6)

A Entrevistada 5 diz que na família dela existem mulheres submissas e que dependem dos homens para a tomada das decisões. A entrevistada diz que, como parte da família, busca quebrar esse tabu e mostrar que a mulher pode ter independência financeira e tomar as próprias decisões. Ela diz:

Todas submissas, e eu não queria ser como elas, nunca quis, minha mãe submissa ao meu pai. Então quando eu via ela pedindo dinheiro para o meu pai, era uma coisa que eu me doía muito. E eu lembro que quando eu era criança menor, eu falava para mim mesma assim, ‘quando eu crescer, eu quero ter uma máquina de lavar e um carro’. Porque eu tinha para mim que uma mulher independente tinha que ter essas coisas, para não ficar perdendo tempo em lavando roupa e um carro para me levar onde eu quisesse. É isso, então, na minha família elas são muito submissas. Entrevistada 5).

Uma das perguntas feitas às entrevistadas solicitava que elas informassem quais seriam as suas contribuições para a sociedade enquanto mulheres. É possível afirmar que estas mulheres contribuem na sociedade de muitas formas, umas salvam vidas, outras dizem que a mulher tem que ser mais atuante e fazer por ela mesma sem esperar de alguém, contribuem com os seus pensamentos, as suas lutas, a busca por igualdade, de poder atuar no mercado de trabalho e exercer qualquer profissão entre outros.

Ainda que este trabalho não faça um recorte de raça, cabe destacar que, conforme o estudo é possível dizer que as dificuldades são ainda maiores para a mulher negra, que precisa mostrar o tempo todo que ela é igual a uma pessoa branca, que tem os mesmos direitos. A Entrevistada 2 afirma que já sofreu em relação ao racismo, e hoje procura trazer estas questões para o debate, tenta transmitir o conhecimento, a experiência e as lições aprendidas a partir do que já aconteceu com ela mesma. Esta é a sua contribuição para a sociedade. E diz:

A minha contribuição na sociedade, [...] assim como mulher preta, de um bairro periférico, [...] é a gente não pensar só no próprio umbigo e pensar o que a gente tem para oferecer. E hoje tem um tema o racismo, ele está mais discutido. [...] Hoje eu consigo passar para uma pessoa e a pessoa talvez entender o que é e o que a gente passa na pele. Então, eu já fiz um pouquinho só do que eu posso passar para a sociedade e de pensar que aquela pessoa pode ser um pouco melhor, de pensar no próximo, de não perpetuar coisas [...] não colocar nas redes sociais um comentário racista. [...] Então é o que eu tento fazer um pouquinho, passar o meu conhecimento. (Entrevistada 2).

A Entrevistada 5 diz que a sua contribuição para a sociedade é incentivar cada vez mais mulheres a serem empreendedoras e independentes:

Quero que elas tenham independência financeira para ter poder de escolha, porque onde não tem independência financeira, ela fica refém, aí ela tem violência doméstica e ela não consegue dar uma boa escolaridade para o filho. [...] essa mulher tem independência financeira e ela é dona da vida dela, ela vê se ela quer estudar com esse dinheiro ou se ela quer comprar uma roupa melhor para o filho, enfim, ou se ela quer permanecer naquele casamento aí ela tem escolha. (Entrevistada 5).

A situação da mulher ainda é considerada desigual, pois a mesma ainda é discriminada e menosprezada. Entretanto, a mulher continua sendo forte, brava e corajosa e busca os seus objetivos, procurando enfrentar os desafios e lutando pela igualdade. Mudanças estão acontecendo, pois algumas empresas estão fazendo campanhas de conscientização com o incentivo do empreendedorismo feminino, projetos sociais, cotas para mulheres entre outros.

As Entrevistadas 3 e 6 disseram que esperam do futuro igualdade e que a mulher possa ter os mesmos direitos na sociedade. A Entrevistada 3, diz:

Eu acho que a mulher só tem de crescer hoje em dia. Se ela buscar conhecimento, ela só vai crescer. A mulher hoje em que ela tomou o mercado de trabalho, eu falei que a mulher hoje ela consegue qualquer coisa que ela quiser. Então uma mulher vai só tomar frente de tudo. (Entrevistada 3).

Já a Entrevistada 6 traz o seu ponto de vista: “Espero que num futuro próximo as mulheres tenham as mesmas condições de trabalho dos homens (igualdades de salário/função), pois muitas empresas ainda hoje diferenciam e discriminam as mulheres, principalmente as que são mães”.

Estas mulheres esperam a igualdade de gênero, mais oportunidades de empregos e cargos, mais mulheres se tornando chefes de empresas. Entendem que a mulher só tem a crescer ao buscar conhecimento, vem conquistando o seu espaço, mostrando conseguir fazer muitas coisas, estar inserida no mercado de trabalho e desempenhando um bom papel em cargos de liderança. A mulher simplesmente só quer ter os mesmos direitos que os homens.

## 7. Considerações Finais

Os padrões de comportamento mudaram na sociedade, hoje em dia a mulher toma as suas próprias decisões, dando conta de uma dupla ou tripla jornada e, além disso, é chefe de família e busca por oportunidades melhores no mercado de trabalho, se destacando pela sua dedicação aos estudos.

A evolução das mulheres no contexto histórico foi marcada por grandes lutas e conquistas para se inserir no mercado de trabalho, buscando sempre o aprimoramento dos estudos. A pandemia trouxe algumas dificuldades para essas mulheres, principalmente para aquelas sendo chefes de família, que perderam seus empregos por não terem quem cuidasse dos filhos ou até mesmo se adaptaram a nova realidade, trabalhando de forma *home office* conciliando com o cuidado dos filhos e os afazeres domésticos. A mulher, mãe, estudante e trabalhadora consegue conciliar estas tarefas no seu dia a dia desempenhando da melhor maneira possível o seu papel. Mas isto tem um preço que pode ser a sobrecarga, o estresse, o cansaço ou até mesmo o adoecimento emocional e físico.

O que pode ser mostrado neste trabalho é que a mulher chefe de família vem vivenciando uma realidade um pouco melhor do que no passado, onde parecia que a presença feminina não era notada. A mulher concilia muitas tarefas do seu dia a dia, esta realidade é de muitas mulheres chefes de família, inclusive a realidade das pesquisadoras. Além de buscar o sustento para os filhos, trabalham fora, limpam a casa, cozinham, educam, estudam muito para buscar a valorização no mercado de trabalho. A mulher busca cumprir a sua obrigação como chefe de família e ainda exerce o seu direito de cidadã que busca por oportunidades melhores.

Os resultados obtidos com esta pesquisa são alcançados de forma que a pesquisa teórica e a pesquisa de campo têm semelhança nas informações, onde a mulher chefe de família continua enfrentando muitos desafios para estar inserida no mercado de trabalho, por conta de discriminações de gênero, da rotina intensa, por ser chefe de família e sozinha.

O mercado de trabalho teve mudanças significativas para essas mulheres, através de muita luta exercem cargos predestinados para homens, estão conquistando estes espaços através de muito esforço, dedicação e qualificação.

Conclui-se que a mulher chefe de família é protagonista da sua trajetória, trabalha bastante, é a provedora do lar, cria sozinha os filhos e realiza muitas coisas no seu dia a dia. Enfrenta muitos desafios para estar inserida no mercado de trabalho devido ao seu ciclo de vida. Não é só a mulher que tem que lutar, mas a sociedade precisa quebrar o tabu de preconceitos com a mulher chefe de família, e políticas públicas estruturadas podem ajudar a reduzir estas dificuldades enfrentadas no cotidiano.

## Referências Bibliográficas

BAYLÃO, André Luis da Silva; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro. **In: XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. Resende, RJ. out. 2014. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/20320175.pdf>. Acesso em: 28/10/2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: 2. experiência vivida**; tradução de Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. 500p.

BORGES, Gustavo Azevedo; LIMA, Rhennan Lazaro de Paulo; LINA, Laís Machado; VAZ, Débora Ribeiro. **Mercado de trabalho, empregabilidade e suas variações**. Artigo científico. 2019. 14 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Tecnologia em Gestão Comercial. Instituto Federal Goiano- Campus Ipameri, Goiás. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/472> Acesso em: 26/12/2021.

CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. **Mulheres chefes de família no Brasil : avanços e desafios**. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018. (Estudos sobre Seguro, no 32) Disponível em: [https://www.ens.edu.br/arquivos/mulheres-chefes-de-familia-no-brasil-estudo-sobre-seguro-edicao-32\\_1.pdf](https://www.ens.edu.br/arquivos/mulheres-chefes-de-familia-no-brasil-estudo-sobre-seguro-edicao-32_1.pdf) Acesso em 11/01/2022.

D'ALONSO, Glauca de Lima. Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 15, dic. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870350X2008000400003&lng=es&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2008000400003&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 13/01/2022.

EMIDIO, Thassia Souza e CASTRO, Matheus Fernandes de. Entre Voltas e (Re)voltas: um Estudo sobre Mães que abandonam a Carreira Profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2021, v. 41. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/zdZtjkD3qv6cxzJmTKRxcyh/?lang=pt#>. Acesso em: 13/12/2021.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE: Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil - IBGE**. 2a edição Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf). Acesso em: 23/01/2022.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003. 319p.

LEMOS, Ana Heloísa da Costa, BARBOSA, Alane de Oliveira e MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**. 2020, v. 60, n. 6, pp. 388-399. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/9WS6pYzLdhWY6qWwDXTKTsN/?lang=pt>. Acesso em: 15/01/2022.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing:foco na decisão**. tradução de Opportunity Translations. 3.ed. São Paulo, 2011. 511p.

MANCINI, Monica. **Mulheres profissionais bem-sucedidas: Um estudo exploratório no contexto organizacional brasileiro**. 2005. 284 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3504> Acesso em: 12/01/2022.

MATA, Catrine Cadja Índio do Brasil da, M.Sc.; ARAÚJO ,Miquéias Moreira de; MELO, João Kleber Ferreira de; SOUZA, Leonilson Alves Araújo de ; SILVA, Antônio Igor Gama da ; CRUZ, Jackson Ramos da ; SOARES, Luana Rodrigues; GUIMARÃES, Neuraci Silva; AZEVEDO, Valdênia da Glória Máximo; SANTOS, Luiz Justiniano dos. A mulher no mercado de trabalho uberizado em tempos de



pandemia: breve análise sobre os caminhos da desigualdade de gênero laborativo no Brasil. **JUSTIÇA E DEMOCRACIA Laborare**. Ano IV, Número 7, Jul-dez/2021, PP,30-47. Disponível em: <https://revistalaborare.org/index.php/laborare/article/view/91/114>. Acesso em: 15/01/2022.

MEDEIROS, M.; OSÓRIO, R. **Arranjos domiciliares e arranjos nucleares no Brasil: classificação e evolução de 1977 a 1998**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Texto para Discussão n. 788, abr. 2001.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3.ed. rev. e ampl. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2016.

PEREIRA, Rosângela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. A Mulher no Mercado de Trabalho. Artigo científico. In: **II Jornada Internacional de Políticas Públicas**. São Luís, MA – 23 a 26 de agosto de 2005. Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/waleska\\_Rosangela\\_Danielle321.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/waleska_Rosangela_Danielle321.pdf) Acesso em: 05/11/2021.

PERROT, Michelle. **Minha historia das mulheres**. tradução de Angela M. S. Corrêa. 2 ed. São Paulo, Editora Contexto, 2007.184p.

PROBST, Elisiana Renata. A **evolução da mulher no mercado de trabalho**. Artigo científico. Gestão Estratégica de Recursos Humanos, Instituto Catarinense de Pós-Graduação – ICPG. 2005. Disponível em: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf> > Acesso em: 22/12/2021.

RAMOS, Mayara de Oliveira; ULBANERE, Rubens Carneiro; JESUS, Bruno Silva de; **Mulheres no mercado de trabalho**. Artigo científico, Ribeirão Preto: UNAERP, 2011. Disponível em: <https://www.unaerp.br/documentos/1498-432-1506-1-sm/file> Acesso em: 05/11/2021.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]**. Revista eletrônica - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf> Acesso em: 18/01/2022.

SILVEIRA, Elana Cavalcante; SILVA, Suzana de Fátima Marques. **Chefia feminina: uma análise sobre a estrutura das famílias monoparentais femininas e a feminização da pobreza**. In: IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, 2013, Fortaleza. Anais. Fortaleza: UECE, 2013. p.122-137. Disponível em: [http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos\\_completos/.pdf](http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/.pdf) Acesso em: 28/08/2022.

SOUSA, Rosânia Rodrigues de; OLIVEIRA, Beatrice Correa de; SARAIVA, Ágnez de Lélis; COSTA, Bruno Lazzarotti Diniz. **A igualdade terá o rosto da mulher** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2021. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/cegov/files/pub\\_163.pdf](https://www.ufrgs.br/cegov/files/pub_163.pdf) Acesso em: 27/11/2022.

TECHIO, Gabriela. **Nem só mãe, nem só trabalhadora: profissionais liberais e a conciliação entre maternidade e trabalho**. Orientadora: Professora Dra. Luciana Mello. 2014. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre, 2014.

VERZA, Fabiana; SATTTLER, Marli Kath; STREY, Marlene Neves. Mãe, mulher e chefe de família: perspectivas de gênero na terapia familiar. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 46-60, jun. 2015. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100005&lng=pt&nrm=iso). acessos em 28 ago 2022.